

**ENSAIO:**

**LITERATURA E PSICANÁLISE EM FREUD: DA OBRA COMO SINTOMA**

Fabrício Lemos da Costa\*  
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda\*  
Pablo Rossini Pinho Ramos\*

**Resumo:** Este ensaio tem como objetivo refletir sobre a relação entre a literatura e a psicanálise em Sigmund Freud. Em nossa reflexão, abordaremos a discussão em torno da obra enquanto sintoma, isto é, como produto de neuroses e interpretações que privilegiam o inconsciente como chave para o estudo do sujeito no que tange às formas, na qual o discurso do texto literário imbrica-se aos complexos, evidenciados, por exemplo, em comportamentos de personagens e até mesmo em manifestações psíquicas do autor. Assim, a partir de Freud, a literatura começa a integrar-se a outros discursos, perdendo-se a singularidade e autonomia da obra como objeto particular.

**Palavras-chave:** Literatura, Psicanálise, Freud, Sintoma.

**LITERATURE AND PSYCHOANALYSIS IN FREUD: THE WORK AS  
SYMPTOM**

**ABSTRACT:** This essay aims at reflecting upon the relation between literature and psychoanalysis in Sigmund Freud's work. The reflection approaches the discussions around his work whilst a symptom, which means, as a product of interpretations and neurosis which favors the unconscious as key to the study of the subject relating to the forms. That means asserting how the literary text speech is entangled to complexes observed, for instance, in the behavior of characters, and even in the author's own psychic manifestations. Thusly, from Freud's work literature starts to relate itself to

---

\* Mestrando em Letras- Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará, Graduado e Licenciado em Letras-Língua Portuguesa pela UFPA-PA, Especialista em Produção de Material Didático e Formação de Leitores para a EJA pela UNIFAP-AP, Graduando em Filosofia pela UEAP-AP. E-mail: fabricio.lemos1987@yahoo.com.br

\* Possui graduação em Letras (Português/Francês) pela Universidade Federal do Pará (1990), mestrado em Letras/Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1994), doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000) e pós-doutorado em Estudos Românicos pela Universidade de Lisboa (2007). Atualmente é professor associado IV da Universidade Federal do Pará, tendo sido coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras (2009-2011) da referida instituição. Desde 2001, é membro permanente do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Dirige a Faculdade de Letras (2017-2019) da UFPA. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Guimarães Rosa, Literatura brasileira, literatura da Amazônia e recepção crítica. E-mail: eellip@hotmail.com

\* Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Possui graduação em Letras (habilitação em língua portuguesa) pela mesma Universidade. E-mail: pablormais.pr72@gmail.com

other speeches loosening in this process the work's singularity and autonomy as a private object.

**KEYWORDS:** Literature, Psychoanalysis, Freud, Symptom.

David Vinãs Piquer, em *Historia de la crítica literária* (2002), capítulo “Teorías psicoanalíticas”, sublinha que a psicanálise nasce no século XIX e ganha força como ciência autônoma no século XX. Neste momento, a corrente psicanalítica “se fragmenta en una pluralidad de corrientes y enfoques” (PIQUER, 2002, p. 541). Para as teorias psicanalíticas, os estudos se voltam às questões do comportamento humano, conjecturando-se as possibilidades impulsivas dos sujeitos em sociedade, assim, “el psicoanálisis enfatiza la irracionalidad del comportamiento humano y postula la existencia del inconsciente como motor impulsor de esta conducta” (PIQUER, 2002, p. 54). O comportamento humano, neste sentido, é a base das análises psicanalíticas, como é o caso da histeria em homens, por exemplo. De acordo com Piquer, “Freud incluso habla de ciertos hombres neuróticos para quienes los genitales femeninos resultan algo siniestro” (PIQUER, 2002, p. 546).

Vale ressaltar que a psicanálise, para além de uma ciência autônoma, é uma linguagem recorrente em todo o século XX, aparecendo, inclusive, no discurso comum, assim como o cinema. A linguagem psicanalítica, portanto, carrega marcas que se confundem com a sua metodologia de trabalho, como o inconsciente e as leituras individuais, no caso de Sigmund Freud (1856-1939), ou coletivas, em Jacques Lacan (1901-1981). Dessa forma, a linguagem psicanalítica, ao chegar à literatura, mudará completamente a maneira de ler determinadas obras literárias, como ressalta Piquer. “Las técnicas de interpretación psicoanalítica ayudan a la mejor comprensión del texto literario y que suponen también una gran ayuda para la teoría y la crítica literarias” (PIQUER, 2002, p. 550).

Assim, a obra literária, nesta perspectiva, é uma fonte para o estudo psicanalítico, já que esta abarca condições diversas no que tange à complexidade humana, seu inconsciente e sexualidade, por exemplo. O texto, então, é o difusor de significados, em que o estudioso buscará as neuroses e complexos do sujeito, revelando-nos suas irracionalidades e pulsões, na maioria das vezes, pelo viés da sexualidade. Na obra, o

que há, de acordo com a concepção de Freud, é a cultura que se manifesta nas situações humanas, em suas intensidades.

Além disso, na obra, manifesta-se o caráter biográfico do autor, seu inconsciente, o qual é capaz de revelar até mesmo homossexualidades e bissexualidades. O inconsciente, neste sentido, carrega o teor interpretativo e as pulsões do autor manifesto em seus textos, como afirma Castilla del Pino, “la significación del texto, es decir, de la obra, en tanto biografía «profunda» -oculta, inconsciente- del autor” (PIQUER *apud* CASTILLA DEL PINO, 2002, p. 550).

Apresentando, originalmente, as suas primeiras teorizações em língua alemã, no ano de 1900, com o advento da obra *Interpretação dos sonhos*, lançada por Freud, a Psicanálise, que possui entre outras funções o tratamento de neuroses, é considerada uma das principais linguagens do século XX, em virtude de seu alcance justamente não estar restrito apenas a abordagens clínicas relacionadas à *psique* humana, mas também às relações sociais, de caráter informal, presentes no cotidiano, por meio de apropriações de termos específicos, nem sempre condizentes com o seu sentido técnico por excelência, a exemplo de *histeria*<sup>184</sup>, do estabelecimento de possíveis diálogos com outras correntes críticas em voga, entre as quais pode-se citar o Estruturalismo, na qual Lacan, um dos principais representantes da chamada Psicanálise estrutural, estudou o inconsciente por meio da linguagem, incluindo as concepções de significante e significado (PIQUER, 2002), além de outras ciências, como a Sociologia, a Antropologia e a própria Literatura<sup>185</sup>.

Freud, que viveu parte de sua vida em Viena, durante o período do império Austro-Húngaro, e pertencido a uma elite culta, escreveu diversos *best-sellers* como *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que foram traduzidos do alemão para o inglês. No Brasil, a tradução da produção freudiana para o português, sob responsabilidade da editora Imago, ao longo de 70 anos, foi a versão inglesa, alvo de críticas e de acusações de estudiosos por promover uma deturpação, quase radical, do pensamento do médico neurologista ao utilizar, por exemplo, a terminologia “instinto”,

---

<sup>184</sup> Proveniente do grego *hystera* (útero), abrange tanto o masculino quanto o feminino, no qual “os conflitos psíquicos inconscientes se exprimem de maneira teatral e sob a forma de simbolizações, através de sintomas corporais paroxísticos (ataques ou convulsões de aparência epiléptica) ou duradouros (paralisias, contraturas, cegueira)” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 337).

<sup>185</sup> É possível propor vínculos interpretativos entre uma abordagem psicanalítica e literária em diversas obras de autores brasileiros, ao examinar, por exemplo, a noção de inconsciente, que, para Freud, é sempre individual, em *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector (1920-1977).

natureza humana descartada pelo psiquiatra, haja vista que o introdutor da Psicanálise, uma vez tomado essencialmente como um pensador da cultura, observa aquilo que não pode ser determinado biologicamente, quando se tem, na verdade, uma força denominada de “pulsão”<sup>186</sup>, —*Trieb*.

Atualmente, após domínio público, novas traduções das obras completas de Freud, diretamente do alemão para o português, foram trazidas a público numa Coletânea intitulada *Obras completas* (2014), em 17 volumes, pela Companhia das Letras, na qual o professor Paulo César de Souza, um dos principais tradutores de Freud e Friedrich Nietzsche (1844-1900), no Brasil, atualiza o debate acerca das implicações de tal nomenclatura.

Concentrando-se, fundamentalmente, na descrição e diagnóstico de fenômenos patológicos, presentes no comportamento humano, com base em casos clínicos de seus pacientes, Freud, dentre várias de suas proposições, defende uma distinção entre genitalidade e sexualidade. Enquanto a primeira está relacionada aos órgãos genitais, a segunda pressupõe um processo evolutivo do indivíduo para obtenção do prazer, não determinante, *a priori*, mas construtiva. Neste sentido, para o psicanalista,

Todas as vivências desse primeiro período da infância são de enorme importância para o indivíduo, juntamente com a constituição sexual herdada elas geram as predisposições para o posterior desenvolvimento do caráter e das doenças. (FREUD, 2014, v. 17, p. 318)

Estas considerações preliminares, em consonância com os preceitos freudianos, servirão a seguir como base de esclarecimento do texto “Dostoiévski e o parricídio (1928)”, que integra o volume 17 de *Obras completas*, conforme já citado anteriormente, cujas discussões suscitadas tentarão evidenciar a premissa de que há ações transcorridas, neste romance russo, equiparadas a “sintomas”, designadas pelo austríaco como “consequência do processo de repressão” (FREUD, 2014, v. 17, p. 20), que, por sua vez, levam a uma neurose<sup>187</sup>, em que a obra literária passa a ser, conseqüentemente, um conjunto de sintomas desta, na qual o autor se revela,

<sup>186</sup> Concebida como uma das principais terminologias da psicanálise freudiana, a *pulsão* é compreendida como “carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 628).

<sup>187</sup> O termo *neurose* é empregado para “designar uma doença nervosa cujos sintomas simbolizam um conflito psíquico recalcado, de origem infantil” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 535).

involuntariamente, em sua obra, refutando, sob esta perspectiva, concepções de crítica já consagradas no âmbito da teoria literária, como a de Thomas Stearns Eliot (1888-1965) em *Ensaio* (1989), que se traduz num discurso singularizante do objeto artístico ou o “comentário e a interpretação de obras de arte por meio da palavra escrita” (ELIOT, 1989, p. 50).

Pensa-se numa leitura “sintomática”, a partir das obras literárias, porque a intenção do psicanalista não é particularizá-la, isto é, torná-la singular, mas antes é tê-la como objeto de estudo, à serviço da linguagem e dos métodos utilizados. Para tanto, a forma de leitura, pela psicanálise, desenvolve uma nova espécie de “determinismo”, como é possível verificar nas críticas de Hippolyte Taine (1828-1893) e Émile Hennequin (1859-1888), na qual o fator meio social fora sempre influenciador do comportamental humano.

Em Freud, por outro lado, a infância funciona como esta nova maneira de entender as ações de personagens, como é o caso da análise deste em “Dostoiévski e o parricídio (1928)”, no qual elabora sua pergunta inicial tendo como parâmetro o autor russo em seus aspectos morais e suas pulsões. Segundo Freud, “Na rica personalidade de Dostoiévski podemos distinguir quatro facetas: o escritor, o neurótico, o moralista e o pecador. Como devemos nos orientar nessa desconcertante complexidade?” (FREUD, 2014, v. 17, p. 338).

Entre muitos exemplos pelo quais se valeu Freud, tem-se a análise de *Os Irmãos Karamazov*<sup>188</sup> (1880) como exemplo exímio do caráter particular pelo viés psicanalítico. No início de sua reflexão, o psicanalista alemão elabora seu primeiro juízo em torno da obra, como é comum no trabalho de qualquer juízo crítico: “é o mais formidável romance jamais escrito, o episódio do Grande Inquisidor é um dos cumes da literatura universal, de valor incomparável” (FREUD, 2014, v.17, p. 338).

---

<sup>188</sup> A trama, marcada por uma relação familiar complexa, cuja configuração é destituída de uma referência materna, apresenta, em linhas gerais, um pai, Fiodor Pavlovitch Karamazov, descrito como um monstro abominável, que desperta o ódio, em últimas instâncias, de seus quatro respectivos filhos: Dimitri; Ivan; Alexei e Pavel, este último tratado como servo, culminando com a morte desse pai. O enredo é construído de modo a questionar a possível identidade do assassinato de Fiodor entre os quatro filhos. “Contudo, o assassino não matou, eu o afirmo e proclamo; fêz apenas um gesto com a mão do almofariz, num movimento de indignação e repugnância sem querer matar, sem saber se mataria. Se êle não estivesse com a fatal mão do amofariz, teria talvez espancado o pai, mas não o mataria” (DOSTOIÉVSKI, 1961, v. 2, p. 1186).

Por outro lado, Freud, ainda no mesmo estudo, afasta-se da obra para abordar o autor como fonte da explicação das pulsões existentes no texto, funcionando como uma espécie de biografismo à maneira de Sainte-Beuve (1804-1869), cujo pensamento é o entendimento da obra literária após reconstruir “las vivencias del escritor” (PIQUER, 2002, p. 328).

Desse modo, a sintomática leitura do texto literário discute a obra como faria com qualquer outro discurso do dia a dia. Segundo Freud, em Fiódor Dostoiévski (1821-1881), inicia-se processos latentes do inconsciente que acabam sendo refletidos em seus personagens e em seus enredos, assim, “considerar Dostoiévski como um pecador ou um criminoso desperta uma veemente oposição, que não se baseia necessariamente na avaliação vulgar do criminoso” (FREUD, 2014, v. 17, p. 399).

Para estudar a inconsciência do romancista russo, o “pai” da psicanálise elenca as várias informações da obra que a coloca a par com os modos investigativos, conforme explica David Vinãs Piquer: “la crítica psicoanalítica es siempre psicoanálisis del autor, aunque el texto sea el principal punto de partida de la investigación y se conciba como el conjunto de síntomas que permiten llegar hasta el inconsciente de su creador” (PIQUER, 2002, p. 553). Dessa maneira, para Freud, há um retorno do biográfico, mas este é revestido de inconsciente, assim como é sintoma de sadismos do autor de *Crime e Castigo* (1866), como na epilepsia “afetiva” de Dostoiévski, evidenciada por meio de seus escritos literários e correspondências. “Como podemos denominar esse conjunto, certamente se coloca também à disposição da neurose, cuja essência consiste em eliminar, pela via somática, massas de excitação com as quais não pode lidar psiquicamente” (FREUD, 2014, v. 17, p. 343-344).

Cumprе esclarecer que em “Dostoiévski e o parricídio (1928)”, texto psicanalítico e não crítico, Freud, embora tenha se apropriado de uma obra literária, *Os irmãos Karamázov*, busca, fundamentalmente, observar e esclarecer o complexo de Édipo<sup>189</sup>, termo criado por aquele e que foi inspirado na tragédia grega do *Édipo Rei* (427 a.C.),

---

<sup>189</sup> O complexo de Édipo pressupõe uma evolução sexual, individual, na qual, necessariamente, há uma transição da homossexualidade à heterossexualidade, quando a atração pela mãe ou pai deixa de existir e se concentra em outrem. O heterossexual soluciona o complexo de Édipo, ao passo que o homossexual fica preso a este fenômeno, portanto, fixado à figura feminina da mãe ou à figura masculina do pai. Em outras palavras, é a “representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo do sexo oposto” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 166).

escrita por Sófocles (496-406 a.C), levando em conta, também, fatores biográficos do autor como a infância do romancista russo, a relação conturbada com seu pai, etc. para fins de ocorrências do inconsciente e compreensão do homem, na qual a obra passa a fazer parte de um quadro sintomático de manifestação de uma neurose que se diferencia do método biográfico proposto por Sainte-Beuve.

Desse modo, a infância é determinante nas leituras em que Freud realizou a partir de obras literárias clássicas, nas quais a leitura sintomática faz-se presente como resultado de análises psicanalíticas por demais arraigadas ao comportamento de personagens que guardam relações problemáticas com a infância, que perpassam pelo complexo de Édipo. Em *Cinco lições de psicanálise e outros textos* (1974), Freud argumenta: “o mito do rei Édipo, que, tendo matado o pai, tomou a mãe por mulher, é uma manifestação pouco modificada do desejo infantil” (FREUD, 1974, v. 39, p. 38).

No caso de *Os Irmãos Karamázov*, o mesmo teor sintomático encontra-se em sintonia com a linguagem da psicanálise imersa no texto, como se lê no trecho, em que o embate entre pai e filho é mote de estruturas inconscientes, isto é, em complexos, os quais são amostras, muitas vezes, para explicações como a homossexualidade.

Dmitri Fiodorovitch! — gritou de repente Fiodor Pavlovitch, com uma voz que já não parecia a sua. — *Se você não fosse meu filho, neste mesmo instante o desafiava para um duelo a pistola*, a três passos de distância e com os olhos vendados... com os olhos vendados! — E batia com os pés no chão. (DOSTOIÉVSKI, 1961, v. 1, p. 450, grifo nosso)

Freud, ao analisar *Os Irmãos Karamázov*, fê-lo com as “lentes” da linguagem e metodologia psicanalítica, alargando-a aos “impulsos destrutivos” do criador. Dostoiévski, para o analista, carrega a preferência pelo caráter violento, e com isso, na escolha do material, prende-se aos estágios de masoquismo e sentimento de culpa, já que o “fortíssimo impulso destrutivo [*Destruktionstrieb*] de Dostoiévski, que facilmente o teria tornado um criminoso, foi orientado, na vida real, principalmente contra sua própria pessoa” (FREUD, 2014, v. 17, p. 340).

Dessa forma, em *Os Irmãos Karamázov*, demonstra-se a neurose do indivíduo, muitas vezes, evidenciada na infância, ou ainda, em seu sadismo, manifestado em sua

irritabilidade. Em relação às leituras de viés psicanalítico na crítica literária, é indispensável entender as concepções fundamentais dos trabalhos de Freud:

A suposição mais provável é que os ataques remontem bem atrás na infância de Dostoiévski, que fossem primeiramente representados por sintomas mais brandos e tomassem a forma epiléptica somente após a perturbadora vivência dos dezoito anos, o assassinato do pai. (FREUD, 2014, v. 17, p. 344)

Em *Os Irmãos Karamázov*, o caráter autodestrutivo dá-se com base em variadas temáticas, sobretudo em personagens como Fiódor Pavlovitch Karamázov, o pai, o qual se classifica como um senhor asqueroso, sem nenhum tipo de compromisso moral em relação aos outros filhos. Fiódor, na destruição de si mesmo, prejudica os outros também, porque suas ações não se revelam éticas. Então, no interesse pelo dinheiro, e pelo casamento destrutivo, entregou-se aos desejos mais hostis evidenciados em sujeitos bufões, como se verifica ao longo da produção ficcional.

Freud, no afã da interpretação psicanalítica, enquadra-o no desejo de Dostoiévski, este sempre muito atento e interessado em personagens destrutivos e neuróticos. Além disso, os irmãos Karamázov, cada um à sua maneira, aos seus desejos e visões do mundo, entregam-se aos impulsos, termo tão caro às análises da psicanálise a partir da obra literária.

Semelhante a Fiodor, tem-se, em Bentinho, personagem de *Dom Casmurro* (1899), uma criação artística na qual a personagem é dotada de uma personalidade agressiva, ciumenta, violenta, possessiva, porém retoricamente convincente, que poderia ser analisada como um sintoma de uma neurose em Machado de Assis (1839-1908), cujas produções artísticas recorrentemente retratam figuras masculinas que agem por impulsos. Pode-se citar como exemplo literário desta afirmativa o seguinte trecho:

Capitu deixou-se estar pensando e olhando para mim, e disse afinal que era preciso emendá-lo. Agora reparava que realmente era vezo do filho, mas parecia-lhe que era só imitar por imitar, como sucede a muitas pessoas grandes, que tomam as maneiras dos outros; e para que não fosse mais longe...— Também não vamos mortificá-lo. Sempre há tempo de corrigi-lo./ — Há, vou ver. Você também não era assim, quando se zangava com alguém.../ —Quando me zangava, concordo; vingança de menino./ — Sim, mas eu não gosto de imitações em

casa./ — E naquele tempo gostavas de mim? disse eu batendo-lhe na face”. (MACHADO DE ASSIS, 1994, v.1, p. 918)

Não se coloca, portanto, em questão, o caráter tortuoso e opressor de Fiódor, mas a maneira como a personagem é desenvolvida esteticamente sob um discurso marcado pela eloquência no uso de recursos literários de que se vale o texto, justificado pela predileção de *Dostoiévski por* “caracteres violentos, assassinos e egoístas a todos os demais, o que aponta para a existência de tais inclinações no seu interior” (FREUD, 2014, v. 17, p. 340).

Ao apontar o sadismo, equivalente ao masoquismo, na personalidade do escritor russo, Freud associa este elemento uma homossexualidade latente que se intensifica com a presença da neurose, na qual a obra literária se situa como o *locus* de manifestação da doença nervosa e, de certa forma, executa um padrão de gênero ao evidenciar, também, a condição humana.

Dimitri, rapaz gastador, sonha com a herança da família, e como o pai, é voltado aos desejos mais repugnantes, como bebedeiras e demasiados gastos, além de ser bipolar. De outro lado, Fiódor, seu pai, explora-o, e na desorganização do primeiro, consegue comprometer a herança de Dimitri. Na narrativa, ainda temos o personagem Ivan, o moço inteligente, que no excesso dos estudos, rejeita Deus e acaba desconstruindo o fenômeno moral, autodestruindo-se, em niilismo. A seguir, um trecho que marca o caráter desses personagens: “Os embusteiros calejados, que passam a vida Inteira mentindo, têm momentos em que tomam o seu papel tão a sério que chegam a chorar e a tremer sinceramente de emoção” (DOSTOIÉVSKI, 1961, v. 1, p. 450).

Ainda em *Os Irmãos Karamázov*, há o caso do personagem Pavel Fyodorovich Smerdiakov, sujeito repulsivo, é servo e filho de Fiódor Pavlovitch e uma mulher doente, resultado de um estupro realizado pelo primeiro. Pavel fora criado pelos empregados de Fiódor. Além disso, sofre de epilepsia, conservando todos os caracteres destrutivos, como pontua Freud.

Na análise freudiana, Dostoiévski apresenta profundo interesse por esse tipo de personagem, dando-lhes destaque ao longo da narrativa, o qual comprova o típico traço criminoso do autor russo, porque estes sujeitos o chamam atenção, principalmente em comportamentos de total violência e intensidade repulsiva, em que não há qualquer limite no que diz respeito aos aspectos morais e à liberdade do outro. Em *Os Irmãos*

*Karamázov*, portanto, vê-se uma história de crime projetada no mistério da morte de Fiódor e nas extravagâncias de homens que se autodestroem, sobretudo, em questões de moralidade.

Em Freud, as pulsações deixam de focar o texto como fenômeno para concentrarem-se na biografia de Dostoiévski, acusado, devido ao vício do jogo, de esclarecer antigas pulsações infantis, como a masturbação: “O ‘vício’ da *masturbação é substituído pelo do jogo*, a ênfase na apaixonada atividade das mãos é reveladora quanto a isso. De fato, a febre do jogo é um equivalente da antiga compulsão de masturbar-se”. (FREUD, 2014, v. 17, p. 360-361, grifo nosso).

A literariedade, enquanto um núcleo de reflexão da obra, centrado no objeto empírico, isto é, o próprio texto, é contrariada em *Os Irmãos Karamázov* à medida que Freud observa que o parricídio não significa, inicialmente, aquilo que está inserido de antemão na obra. Faz-se imprescindível, neste momento, uma leitura psicocrítica, não mais circunscrita ao texto, privilegiando uma interpretação nem sempre apoiada no literal, o gramaticalmente explícito, de modo a revelar aquilo que o neurótico não poderia verbalizar diretamente.

Sob outra perspectiva, a noção de inconsciente introduzida pelo médico, neste caso, é o inconsciente do próprio texto e não a projeção de *Dostoiévski propriamente*. *De acordo com Freud:*

O parricídio é, segundo uma visão que já se conhece, o crime principal e primordial, tanto da humanidade como do indivíduo [*Totem e tabu* (1912-1913)]. É, de todo modo, a fonte principal do sentimento de culpa, não sabemos se a única; as investigações ainda não puderam estabelecer com segurança a origem psíquica da culpa e da necessidade de expiação. Mas não precisa ser a única. A situação psicológica é complicada e requer elucidação. (FREUD, 2014, v. 17, p. 346-347)

Em *Os Irmãos Karamázov*, tem-se a mesma leitura sintomática ocorrente também em *Édipo Rei*, no qual as punições e pulsões nascidas na infância são vistas como sintomas de um amplo caso de neuroses e satisfações. Em Dostoiévski, o jogo, conforme foi dito anteriormente, exerce uma espécie de explicação psicanalítica, como pode ser observada até mesmo no título de outras obras de sua autoria, a exemplo de *O Jogador* (1867).

O indivíduo é neurótico e, ao mesmo tempo, está inserido no processo de evolução do complexo de Édipo. O modo como se dá as suas relações sociais e produções artísticas são manifestações da neurose tanto quanto qualquer outra ação realizada no cotidiano. Trata-se de uma leitura sintomática, que não se confunde com a causa da neurose (da qual *Dostoiévski* é portador). Daí o porquê da obra artística não poder ser julgada do ponto de vista da crítica literária. Busca-se analisar, essencialmente, um fenômeno psíquico, e não uma especificidade, que se revela, neste caso, no romance russo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra literária pelas teorias psicanalíticas colocar-se-á na linha que projeta no texto o reflexo de possíveis neuroses dos autores, assim como o inconsciente, o qual é matriz das possibilidades projetadas ao longo de suas ficções. No entanto, vale ressaltar que a psicanálise, a exemplo dos trabalhos de Freud, elabora em linguagem e metodologia psicanalítica a interpretação da relação do autor com sua obra, assim como traços do sintoma das relações com a infância, como o conhecido complexo de Édipo.

Para o médico neurologista, a neurose faz parte do processo criativo, colocando-se como condição para expressão de desejos. E é a partir da criação que se tem condições de interpretar culpas e motivos. Enfrentando-se desejos, por exemplo, sublima-se em finalidades sociais maiores.

A obra, dessa forma, é sintoma das neuroses manifestadas pelo autor, evidenciadas em suas repressões e desejos impossíveis de serem realizados, convertendo-se, muitas vezes, em sublimação e culpa, ou ainda, em vícios de jogo, como é o caso de *Dostoiévski*, conforme é discutido por Freud. Para isso, a obra deixa de ser um objeto manifesto e particular, para tornar-se um sintomático “espelho” da maneira como o autor resolve manifestar sua neurótica relação consigo mesmo e a sociedade.

Em razão disso, poder-se-ia falar de uma influência de teorias críticas tradicionais do século XIX, mas em Freud, dá-se sempre como interseção entre o texto, o autor e sua infância, tempo em que possíveis neuroses são explicadas. Então, no fundo, há uma espécie de “terreno” a partir da relação entre o juízo crítico e as questões morais, como

fizera a crítica determinista, a exemplo de Taine e Hennequin, para citar apenas esses casos, em que a moralidade e a vida dos autores são chaves da interpretação da obra.

Tendo em vista os aspectos apresentados aqui sobre o porquê do texto de Freud em *Os irmãos Karamázov* ser uma leitura sintomática, reflexo de uma potencial neurose de Dostoiévski, é possível entender que o texto literário é convertido num objeto psicanalítico, objetivando demonstrar uma verdade manifesta, um conjunto de sintomas, que não se limita à obra, na qual a análise passa a privilegiar o inconsciente do sujeito, o autor. O romance apenas caracteriza o complexo de Édipo.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1, p. 809-944.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázovi*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961. 1 v.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázovi*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961. 2 v.
- ELIOT, Thomas Stearns. *Ensaio*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.
- FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o parricídio (1928). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 17, p. 338-362.
- FREUD, Sigmund. *Cinco lições de Psicanálise e outros textos*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. v. 39, p. 8-150.
- PIQUER, David Viñas. *Historia de la crítica literaria*. Barcelona: Ariel, 2002.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michael. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar